

Secularização e secularismo

Deve-se distinguir de “secularização” o conceito “secularismo”. Como já foi dito, por secularização entende-se não tanto um mundo sem religião, mas um mundo em que instâncias religiosas e representações de autoridades religiosas já não determinam de maneira decisiva ou exclusiva a vida social.

Por “secularismo”, ao contrário, designam-se os aspectos negativos da secularização, ou seja, o silêncio proposital sobre Deus, o não deixar mencionar Deus em público, a organização da vida pública sem nenhuma referência a Deus como sua origem, e finalmente a negação virulenta e explícita de Deus, assim como o combate aberto contra a fé em Deus. Por esta ideologia, Deus é considerado “não existente”, supérfluo ou mesmo um impedimento ao desenvolvimento humano.

Muitas vezes, o secularismo leva ao ateísmo prático, isto é, sem negar Deus explicitamente, as pessoas se comportam, de fato, como se Deus não existisse, colocando em seu lugar outros deuses, como por exemplo o poder, a riqueza, o prazer, etc. Valores fundamentais da vida familiar e social, como solidariedade, fidelidade e partilha, desaparecem (cf. Puebla 57). Isto, por sua vez, conduz, sobretudo entre os jovens, a frustrações, falta de compromissos sérios e dependência de drogas, álcool, paixão do jogo e outros vícios (cf. Puebla 58).

Não se espera de um estudioso de ciências físicas e naturais que faça referência explícita a Deus para explicar os fenômenos do mundo. Ao contrário, para ser levado a sério, deve pronunciar-se sem introduzir na sua fala a categoria “Deus”. Isto não impede que ele seja, na sua vida particular, um cristão praticante. Mas para outros cientistas, por sua vez, Deus é, de fato, absolutamente sem importância.

O Humanismo ateu declara sem ambigüidade que não deve existir espaço nenhum para Deus, para que os homens possam realmente assumir o que lhes cabe por direito. Neste sentido, proclamam: para que o homem possa reinar, é preciso que Deus seja eliminado. Ludwig Feuerbach († 1872), o pai do Humanismo ateu, escreveu: “O propósito de minha obra é fazer dos homens antropólogos (= estudiosos da ciência do homem) e não teólogos (= estudiosos da ciência de Deus), conduzindo-os do amor a Deus ao amor da humanidade, da esperança em um mundo além, a um engajamento em prol das coisas daqui em baixo.” Ele animou seus seguidores a amarem fielmente este mundo, “que foi abandonado pelos cristãos”.

Na segunda metade do século XIX, aconteceu na Europa a Revolução Industrial com o surgimento do mundo das fábricas, onde trabalhadores indigentes, e mesmo crianças, foram explorados sem piedade e tinham que trabalhar duramente para sobreviver, sem qualquer segurança social. Diante desta realidade desumana, os cristãos não estavam suficientemente conscientes de sua responsabilidade social. Na Inglaterra, por exemplo, o comentário feito por um bispo ficou célebre: “Nada contribui melhor para o bom funcionamento de uma fábrica que a fé em Deus!”

Este tipo de religiosidade que, na visão hodierna, é alheia à autêntica tradição bíblica e cristã, contribuiu com certeza para o surgimento do Humanismo secular e do Marxismo. O Concílio Vaticano II apontou ao fato de que, “neste gênero de ateísmo, grande parte podem ter os crentes, enquanto negligenciando a educação da fé, ou por uma exposição falaz da doutrina, ou por faltas na sua vida religiosa, moral e social, se poderia dizer deles que mais escondem do que manifestam a face genuína de Deus e da religião” (GS 19).